

EPITAFIO SAUDOSO,  
DESPERTADOR  
FUNERAL,

Escrito na cinza da sepultura da  
SERENISSIMA RAINHA DE PORTUGAL

A Senhora

D. MARIA SOFIA  
ISABEL DE NEOBURG, N. S.

E T I R A D O

*Dos conceituosos gemidos de hũ Soneto, esculpido na mesma magoa  
por Joseph da Cunha, Bacharel pela Univerſidade de Coimbra  
em os Sagrados Canones: cujas vozes articuladas no monte  
de Mausoleo, & retumbando, ou no concavo dos humanos  
suspiros, ou no valle agora novamente conhecido de la-  
grimas, soão, & lhes respõde os eccos da seguinte Gloſa*

O F F E R E C I D A

AO EMINENTISSIMO SENHOR  
LUIS, PRESBYTERO,

Cardeal de Sousa, da S. Igreja Romana, Metropoli-  
tano Arcebispo de Lisboa, Cappellaõ Mor de  
S. Mag<sup>de</sup>. & do seu Conselho de Estado, &c.

Por

PEDRO DE AZEVEDO TOJAL,

Formado na faculdade dos Sagrados Canones.

L I S B O A,

Na Officina de MIGUEL DESLANDES, Impressor de  
Sua Magestade, Anno de 1700.



TRATADO DE LAS  
DESHEREDACIONES  
GENERAL

REPUBLICANA  
A 2 de Mayo

D. MARIA SOTIA  
ISABEL DE NEORBERG, N. S.

...

...

...

...

PEDRO DE AZEVEDO TORAL

...

...



# DEDICATORIA.

Eminentissimo Senhor:



O lastimoso assüpto, que a Parca a todos deo para o sentimento na lametavel morte da Serenissima Rainha, segunda vez sayo a publico com os humildes rasgos do meu discurso, não desvanecido, nem interessado na lisonjeira aura popular; porque o applauso não tem lugar nos infortunios; nem menos receoso das nottas dos Criticos; porque nas grandes affliçoens não se attende aos dezares, pois que as potencias privadas na dor não tem acordo para o brio; mas sim por ver que entrando Vossa Eminencia com tanta parte nesta perda, se lhe não restituã, se quer, estes escrittos. Este offereço a Vossa Eminencia, a que se deve dar acceptação, se não pela humildade da fórma, pela dignidade da materia; E se tarde chega ds illustres mãos de Vossa Eminencia, quem paga o que deve, satisfaz a obrigação, que ser prompto na divida corre por conta da possibilidade; demais porque he creditada causa prolongar os seüs effeitos, que em pena tão grande he justo que nunca cesse a penna.

É aqui entre os desacertos da minha eloquencia emmudeço por duas razões ; porque a magoa excessiva, ou louca se desata em delirios , ou muda pasma em silencias. A vida de Vossa Eminencia nos guarde Deos.

Beija os pès de V. Eminencia

Pedro de Azevedo Tojal.

VOZES DA SEPULTURA.

**A** *Qui jáz aque teve o nascimento*  
*No tronco Palatino, Augusta rama,*  
*Que em vida tantos deu braçoens à fama,*  
*Quantos na morte assumptos ao lamento:*  
*Portugal, & Alemanha ao sentimento*  
*Paga o feudo, que em lagrimas derrama,*  
*Vendo de pedra estar na estreita cama*  
*Aquem do largo mundo era portento:*

*Deulhe sepulchro o dia, em que na idade*  
*Annos contava, & foy seu homicida*  
*Quem poz a aura vital nêsta Deidade;*  
*Para que veja a Alteza mais subida*  
*Que os dias, em que vive a Magestade,*  
*Berços da morte são, tumbas da vida.*

## ECCOS DO DESENGANO.

## I.

**S**uspêde o passo errante, ó Passageiro,  
 Que este marmore em vozes de ruina  
 Te diz q da belleza o a mór luzeiro  
 Nasce sol, vive luz, morre bonina:  
 Aprende das liçoens deste letreiro,  
 Que he delito o nascer (que assim to enfina)  
 Pois q entre o sacro horror de hũ monumẽ-  
*Aqui jaz a que teve o nascimento.* (to

## II.

Pára, pois que te brada, ò Caminhante,  
 Em gritos huma pedra emmudecida,  
 E nesta lauda lè taõ elegante  
 Quam prõpta a morte he, quã breve a vida:  
 E verás que de vida hum breve instante  
 A vida logra ( ainda a mais comprida )  
 Como esta, cujo nome mais se acclama  
*No tronco Palatino, Augusta rama.*

Aquel-

## III.

Aquella Augusta rama, que por fruto  
 As sette mais gentís produzio Flores,  
 Ao Ceo dando a primeira por tributo,  
 Deixandonos as outras por penhores :  
 Aquella , que hoje a Amor veste de luto,  
 Que na vida a esse Sol deu resplendores,  
 Que agora alentos dá da pyra á chama ,  
*Que em vida tantos deu braçoens á fama.*

## IV.

Compungete; pois ves a Ferosura  
 A horrores reduzida , & a Magestade ;  
 Que a flor quãto mais flor, quã menos dura ,  
 E a Croa funda o ser na brevidade :  
 Olha que esta te clama pedra dura,  
 Aqui jãz huma Croa, huma Beldade :  
 Sejaõ pois razoens tantas ao escarmento ,  
*Quantos na morte assumptos ao lamento.*

## IV

Contempla por hum pouco neste dano  
 Quanto destina a sorte, o Ceo destina,  
 Pois que quem vive izento ao defengano,  
 Triste acaba aos estragos da ruina:  
 Deyxa pois Portugal o timbre ufano,  
 Queja te falta a gloria Palatina,  
 E iguaes concorraõ no commum lamento  
 Portugal, & Alemanha ao sentimento.

## VI

Estas luzes, que ves agonizantes,  
 (Que cuidas que esta maquina authorizaõ)  
 Em teus passos incertos, se ignorantes,  
 Linguas de fogo saõ, que so te avizaõ:  
 Naõ estranhes (se ves menos brilhantes)  
 Essas, que a cera em lagrimas granizaõ,  
 Porque ja cadaqual na tibia chamma  
 Paga o feudo, que em lagrimas derrama.

Que



(9)  
VII.

Que esperas pois, Mortal, vendo a belleza  
Em reverentes sustos transformada?

Que esperas vendo a mais Augusta Alteza  
A o mais tyranno golpe hoje prostrada?

Que esperas vendo rude a subtileza,  
Absorta a graça, a discriçãõ pasmada?

Que esperas se aqui estás de hũ sol a chãma  
*Vendo de pedra estar na estreita cama?*

VIII.

Naõ mais, Mortal, naõ mais, cesse a locura;  
Pois ves em pò tornada a Magestade;

Que o rayo sempre na mayor altura  
Vay fazer impressãõ contra a vaidade:

Se do monte a altivez naõ ves segura,  
Do valle naõ segues a humildade:

Adverte cinza ja no monumento  
*A quem do largo mundo era portento.*

Este

## IX.

Este tendo de sol a prehemencia,  
 Tambem teve de flor a primasia;  
 Sol que agoniza na circumferencia,  
 E flor que acaba efimera do dia:  
 A idade terminou na consistencia;  
 Para lograr da eterna a Monarchia;  
 E porque ao mundo foy Sol na beldade,  
*Deulhe sepulchro o dia, em que na idade.*

## IX.

Ah dia! que quizeste na memoria  
 Duas vezes gravarte por grandeza,  
 Fazendote huma vez todo de gloria,  
 Fazendote outra vez todo tristeza:  
 Mas quiz por castigar nossa vangloria  
 Roubarnos este dia a mór belleza,  
 Porque da melhor Flor, da melhor vida,  
*Annos contava, & foy seu homicida.*

Mas

## .XI.

Mas ay , morte cruel , que nos condena  
 A duas penas fataes este tormento,  
 Huma , o naõ ver a causa da mór pena,  
 Outra , naõ poder ser mór o lamento :  
 Mas se isto he Providencia, como ordena  
 Na mingoa duplicarse o sentimento?  
 Ou como nos não tira a faudade  
*Quem poz a aura vital nesta Deidade?*

## .XII.

Ah humano baxel ! que na faudade  
 Te foçobras no golfo , que lamentas,  
 Que he força sintas mais a tempestade ,  
 Pois taõ pequeno em alto mar te ostentas :  
 Colhe as soberbas vellas da vaidade,  
 Que o vento que as inchou, te faz tormêtas;  
 Pois se ve a Magestade aqui abatida ,  
*Para que veja a alteza mais subida.*

## XII.

Mentidã a ostentaçãõ , burlada a pompa M  
 Agora neste exemplo o mundo veja ;  
 Pois quem voa nos extasis da trompa,  
 Prostrado cae aos pès da dura enveja :  
 Effes vèos da segueira o mundo rompa,  
 E este sepulcro oraculo lhe seja ;  
 Pois mais não são as horas da beldade ,  
*Que os dias em que vive a Magestade.*

## XIV.

Se ves que este padraõ a croa piza ,  
 Como o engano do mundo ainda te enlaça ?  
 Se esta pedra não temes , que te aviza ,  
 Adverte nesse horror , que te ameaça :  
 Vè que apartida he certa , & he precisa ,  
 Que esta campa por barca os corpos passa ,  
 Ve que as pompas , em fim , nesta partida  
*Berços da morte são , tumbas da vida.*

## EPITAFIO

*Gravado na outra face da sepultura da Serenissima  
Rainha nossa Senhora.*

**N**O ambito desta campa sepultada  
Jaz a gloria da Luza Monarchia,  
Tornada a regia pompa em terra fria,  
Croa em pó, o bello em sombra, & o ser em nada:

Qual a flor, que da tunica encarnada  
Mortalha de carmin lhe corta o dia,  
Sendo o aljofar, que a Aurora lhe rocias,  
Pranto, com que a lamenta a madrugada:

Se a flor mais magestosa, a flor mais pura  
em huma manhã cifra toda a idade,  
Servindolhe de berço a sepultura;

Desta Flor não se estranhe a brevidade,  
Porque a estrella, em que nasce a Ferosura,  
He a mesma, que influe na Magestade.

# AVISOS.

**O** Y que hierta una Beldad , Fabio, te enseña  
 A engaños discurrir en la hermosura,  
 Aprende avisos desta piedra dura,  
 Que es esfera de un Sol tosca , y pequeña:

Si esta ceniza de una llama es seña ,  
 La mayor Magestad , la Flor más pura  
 Advierta que a morir mas se apressura  
 La luz , que en resplendores mas se empeña:

Si es que tu vanidad lo hermoso precia,  
 Ea pues , esse horror agora admira,  
 Para desvanecer tu gloria necia ;

Ve las lenguas de fuego desta pira ,  
 Que al temporal te avisan que desprecia,  
 Quien a la eternidad mas cuerdo aspira.

*FINIS, LAUS DEO.*